

Leia, com atenção, os **Fragmentos I e II (Texto I)**, a seguir, intitulados **A perspectiva da liberdade e Formas de privação de liberdade**, do economista indiano Amartya Sen.

TEXTO I

A perspectiva da liberdade (Fragmento I)

“Não é incomum os casais discutirem a possibilidade de ganhar mais dinheiro, mas uma conversa sobre esse assunto por volta do século VIII a.C. é especialmente interessante. Nessa conversa, narrada no texto em sânscrito *Brihadaranyaka Upanishad*, uma mulher chamada Maitreyee e seu marido, Yajnavalkya, logo passam para uma questão maior do que os caminhos e modos de se tornarem mais ricos: *Em que medida a riqueza os ajudaria a obter o que eles desejavam?* Maitreyee quer saber se, caso “o mundo inteiro, repleto de riquezas”, pertencesse só a ela, isso lhe daria a imortalidade. “Não”, responde Yajnavalkya, “a sua vida seria como a vida das pessoas ricas. Não há, no entanto, esperança de imortalidade pela riqueza.” Maitreyee comenta: “De que me serve isso, se não me torna imortal?”

A pergunta retórica de Maitreyee tem sido citada inúmeras vezes na filosofia religiosa indiana para ilustrar a natureza das tribulações humanas e as limitações do mundo material. Meu ceticismo quanto às questões do outro mundo é grande demais para que as frustrações mundanas de Maitreyee me levem a discuti-las, mas há um outro aspecto nesse diálogo que tem um interesse muito imediato para a economia e para a compreensão da natureza do desenvolvimento. Esse aspecto diz respeito à relação entre rendas e realizações, entre mercadorias e capacidades, entre nossa riqueza econômica e nossa possibilidade de viver do modo como gostaríamos. Embora haja uma relação entre opulência e realizações, ela pode ou não ser muito acentuada, e pode muito bem depender demais de outras circunstâncias. A questão não é a possibilidade de viver para sempre, na qual Maitreyee – que a terra lhe seja leve – por acaso se concentrou, mas a possibilidade de viver realmente bastante tempo (sem morrer na flor da idade) e de levar uma vida boa enquanto ela durar (em vez de uma vida de miséria e de privações de liberdade) – coisas que seriam intensamente valorizadas e desejadas por quase todos nós. A lacuna entre as duas perspectivas (ou seja, entre uma concentração exclusiva na riqueza econômica e um enfoque mais amplo sobre a vida que podemos levar) é uma questão fundamental na conceituação do desenvolvimento. Como observou Aristóteles logo no início de *Ética a Nicômano* (em sintonia com a conversa que Maitreyee e Yajnavalkya tiveram a 5 mil quilômetros dali), “a riqueza evidentemente não é o bem que estamos buscando, sendo ela meramente útil e em proveito de alguma outra coisa.”

Se temos razões para querer mais riqueza, precisamos indagar: quais são exatamente essas razões, como elas funcionam ou de que elas dependem, e que coisas podemos “fazer” com mais riqueza? Geralmente temos excelentes razões para desejar mais renda ou riqueza. Isso não acontece porque elas sejam desejáveis por si mesmas, mas porque são meios admiráveis para termos mais liberdade para levar o tipo de vida que temos razão para valorizar.

A utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer – as liberdades substantivas que ela nos ajuda a obter. Mas essa relação não é exclusiva (porque existem outras influências significativas em nossa vida, além da riqueza) nem uniforme (pois o impacto da riqueza em nossa vida varia conforme outras influências). É tão importante reconhecer o papel crucial da riqueza na determinação de nossas condições e qualidade de vida quanto entender a natureza restrita e dependente dessa relação. Uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda. Sem desconsiderar a importância do crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele.

Os fins e os meios do desenvolvimento requerem análise e exame minuciosos para uma compreensão mais plena do processo de desenvolvimento; é sem dúvida inadequado adotar como nosso objeto básico apenas a maximização da renda ou da riqueza, que é, como observou Aristóteles, “meramente útil e em proveito de alguma outra coisa.” Pela mesma razão, o crescimento econômico não pode sensatamente ser considerado um fim em si mesmo. O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo (...)

Formas de privação de liberdade (Fragmento II)

“Um número imenso de pessoas em todo o mundo é vítima de várias formas de privação de liberdade. Fomes coletivas continuam a ocorrer em determinadas regiões, negando a milhões a liberdade básica de sobreviver. Mesmo nos países que já não são esporadicamente devastados por fomes coletivas, a subnutrição pode afetar numerosos seres humanos vulneráveis. Além disso, muitas pessoas têm pouco acesso a serviços de saúde, saneamento básico ou água tratada, e passam a vida lutando contra uma morbidez desnecessária, com frequência sucumbindo à morte prematura. Nos países mais ricos é demasiado comum haver pessoas imensamente desfavorecidas, carentes das oportunidades básicas de acesso a serviços de saúde, educação funcional, emprego remunerado ou segurança econômica e social. Mesmo em países muito ricos, às vezes a longevidade de grupos substanciais não é mais elevada do que em muitas economias mais pobres do chamado Terceiro Mundo. Adicionalmente, a desigualdade entre mulheres e homens afeta – e às vezes encerra prematuramente – a vida de milhões de mulheres e, de modos diferentes, restringe em altíssimo grau as liberdades substantivas para o sexo feminino.”

(SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 27-29)

1) O principal objetivo comunicativo do Texto I é:

- a) relacionar o fator longevidade com a posse de bens e de riqueza material.
- b) discutir as dificuldades pelas quais passam os casais para acumular bens.
- c) demonstrar que a riqueza não pode comprar a felicidade em nossas vidas.
- d) apresentar as implicações que a renda pode ter na vida dos indivíduos.
- e) expor os principais problemas enfrentados pelas classes menos favorecidas.

2) O diálogo entre Maitreyee e seu marido pode ter implicações econômicas porque:

- a) trata de mortalidade, fator relevante para o desenvolvimento de uma nação.
- b) indica uma relação estreita entre riqueza material e *status* social.
- c) aponta para uma relação importante entre posse e realização das pessoas.
- d) demonstra as lacunas existentes entre ricos e pobres em uma nação.
- e) difere da concepção de Aristóteles sobre desenvolvimento e sucesso.

3) Leia as afirmações abaixo.

- I) A existência de pessoas socialmente desfavorecidas é condição exclusiva de países pobres.
- II) O desenvolvimento deve garantir que possamos exercer nossas vontades e que não haja privação de nossas liberdades.
- III) Nossa qualidade de vida é uma decisão pessoal e um ganho individual e independe do desenvolvimento do meio em que vivemos.

De acordo com a leitura do texto de Sen, é POSSÍVEL afirmar que:

- a) todas as afirmações estão incorretas.
- b) apenas a afirmação (III) está correta.
- c) somente as afirmações (II) e (III) estão corretas.
- d) apenas as afirmações (I) e (III) estão corretas.
- e) somente a afirmação (II) está correta.

- 4) O questionamento sobre o que se pode “fazer” com mais riquezas está fortemente relacionado, no **Texto I**, com:
- a) os prazeres mundanos.
 - b) o Produto Nacional Bruto.
 - c) a expansão das liberdades humanas.
 - d) a busca da longevidade.
 - e) as variações dos índices econômicos.
- 5) Sen faz referências a diversos fatores inerentes à relação entre desenvolvimento e liberdade, **EXCETO**:
- a) igualdade entre os gêneros.
 - b) saneamento básico.
 - c) alimentação adequada.
 - d) serviços de saúde.
 - e) liberdades políticas.

Leia agora o **Texto II**, intitulado **O novo contrato social: desenvolvimento e justiça em uma sociedade complexa**, selecionado do artigo de autoria de Marco Aurélio Ruediger e Vicente Riccio.

TEXTO II

“A discussão a respeito do tema da justiça e do desenvolvimento social tem sido objeto de controvérsia no plano político brasileiro desde a Independência, passando pela Proclamação da República e adentrando o século XX. Tais questões já versaram a respeito da extinção da escravidão, da necessidade ou não da industrialização, e da possibilidade e capacidade da nação brasileira de construir uma democracia sólida, baseada no sufrágio universal e na alternância de poder, onde o Estado fosse um ator promotor de desenvolvimento. Observando a história, a despeito das notórias idiosincrasias de nosso modelo de desenvolvimento, é possível verificar avanços, antes tidos como improváveis, em algumas construções institucionais. Tais construções, hoje, são parte do cotidiano político brasileiro: eleições livres, liberdade de imprensa, liberdade individual etc. No entanto, desde a abolição da escravidão, até o desenvolvimento do sistema democrático como temos hoje, não foi possível modificar os problemas crônicos de desigualdades sociais e de inclusão existentes no país.

Reflexos disso são percebidos nas assimetrias sociais, na dramática dependência da economia do país e na sua vulnerabilidade ante o contexto da globalização. (...)

A remissão ao passado projeta a ação para o futuro. (...) a perspectiva aqui adotada busca desenhar uma base conceitual que conjugue o modelo de desenvolvimento em uma relação estruturante com os temas dos ideais republicanos e da inclusão social. Desse ponto de vista, o desenvolvimento, valorizado em nossa história recente apenas quantitativamente, não é mais aceito pela sociedade brasileira como oposto à inclusão social ou ao incremento do sistema democrático. O desenvolvimento econômico a que a sociedade aspira não prescinde dessas variáveis, mas deve incorporá-las como elementos críticos.”

(RUEDIGER, M.; RICCIO, V. O novo contrato social: desenvolvimento e justiça em uma sociedade complexa. *Desenvolvimento e construção nacional*: políticas públicas. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, p. 16-17, cap.1)

6) Com base na leitura do **Texto II**, é **POSSÍVEL** concluir que:

- a) o Brasil não avançou muito em questão de liberdade e de democracia desde a Independência.
- b) o modelo ideal de desenvolvimento tem resultados exclusivamente quantitativos.
- c) a conquista da liberdade de imprensa modificou fortemente o panorama social no Brasil.
- d) nosso modelo econômico é muito mais homogêneo e uniforme do que o de outros países emergentes.
- e) a sociedade brasileira agora concebe a inclusão social como critério para o desenvolvimento.

Leia novamente as sentenças abaixo **para responder às questões 7 e 8**.

“ (...) Observando a história, **a despeito** das notórias idiossincrasias de nosso modelo de desenvolvimento, é possível verificar avanços (...)” (1º parágrafo)

7) A expressão **a despeito**, destacada acima, pode ser substituída, sem perda substancial de sentido, por:

- a) por decorrência
- b) apesar
- c) por razão
- d) caso
- e) em oposição

Leia o verbete abaixo, selecionado do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. (2. ed. 23ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 914)

Idiossincrasia: [Do gr. *Idiosyngkrasía*] S.f 1. Disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. 2. Maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa. 3. Med. sensibilidade anormal, peculiar a um indivíduo, a uma droga, proteína ou outro agente.

8) Considerando o verbete acima, é **POSSÍVEL** concluir que a sentença “*a despeito das notórias idiossincrasias de nosso modelo de desenvolvimento*” indica que:

- a) nosso modelo econômico depende do caráter do Ministro do Planejamento.
- b) cada brasileiro tem uma maneira pessoal de avaliar o modelo econômico do país.
- c) o funcionamento e as reações de nosso modelo econômico são bastante particulares.
- d) o modelo econômico brasileiro não é sensível às variações locais e regionais.
- e) a estrutura de nosso modelo econômico é resistente à ação dos agentes externos.

Leia, agora, com atenção, o **Texto III**, um fragmento do artigo intitulado **A alma da fome é política**, do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, publicado no *Jornal do Brasil*, em setembro de 1993, para responder às questões de 09 a 12.

TEXTO III

“A fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer é porque tudo o mais já lhe foi negado. É uma espécie de cerceamento moderno ou de exílio. A morte em vida. O exílio da Terra. Mas a alma da fome é política.

A fome é a realidade, o efeito e o sintoma. O ponto de partida e de chegada. A síntese, a ponta do novelo a partir da qual tudo se explica e se resolve. Porque não é episódica, nem superficial, revela fundo o quanto uma pessoa está sendo excluída de tudo e com que frieza seu drama é ignorado pelos outros. (...) Mas a fome é também o atestado de miséria absoluta e o grito de alarme que sinaliza o desastre social de um país, que mostra a cara do Brasil.

(...)

É assustador perceber com que naturalidade fomos virando um país de miseráveis, com que tranquilidade fomos produzindo milhões de indigentes. Acabar com essa naturalidade, recuperar o sentido da indignação diante da degradação humana, reabsolutizar a pessoa como centro e eixo da vida e da ação política é essencial para transformar a luta contra a fome e a miséria num imenso processo de reconstrução do Brasil e de nossa própria dignidade. Por isso é que acabar com a fome não é só dar comida, e acabar com a miséria não é só gerar emprego, mas é reconstruir radicalmente toda a sociedade.”

9) A respeito do texto de Betinho, é **POSSÍVEL** afirmar que ele:

- a) apresenta um panorama quantitativo da situação da fome no Brasil e os impactos causados pela miséria.
- b) vai além das avaliações técnicas sobre a miséria e sobre a exclusão para defender a necessidade da reconstrução social.
- c) caracteriza a fome como um fenômeno natural em um país de desigualdade econômica.
- d) constrói uma imagem poética dos excluídos, prejudicando, assim, o propósito comunicativo do texto.
- e) discute as principais estratégias para, dentro dos limites da realidade, terminar com a fome no Brasil.

10) De acordo com o texto, todos os elementos abaixo podem ser relacionados com a fome, **EXCETO**:

- a) exclusão de direitos.
- b) falta de solidariedade.
- c) indicação de caos social.
- d) indiferença dos outros.
- e) preconceito racial.

11) As principais razões que justificam a indignação do sociólogo, em seu texto, são:

- a) a política brasileira e a falta de emprego.
- b) a desigualdade social e o preconceito racial.
- c) a degradação humana e o cerceamento político.
- d) o número de indigentes e a precariedade do sistema de saúde.
- e) a fome e a indiferença do outro à fome.

12) A construção da metáfora “A morte em vida”, no primeiro parágrafo, tem como **base principal**:

- a) uma onomatopéia.
- b) uma silepse.
- c) um pleonasmo.
- d) um paradoxo.
- e) uma elipse.

13) O **principal elo** entre os Textos I, II e III é a idéia de que:

- a) o desenvolvimento de uma nação deve ser garantia do direito à vida e à liberdade de todos os seus indivíduos.
- b) uma nação só terá desenvolvimento pleno quando a renda de seus habitantes for igual para todos.
- c) o desenvolvimento de uma nação precisa respeitar as diferenças entre as diversas classes sociais.
- d) educação, saneamento básico e políticas de saúde são os únicos fatores que podem influir no desenvolvimento de uma nação.
- e) as liberdades substantivas de um povo impedem que ele se desenvolva economicamente.

Leia, agora, com atenção, os quadros publicados na matéria intitulada **Pobres da Noruega ganham mais que ricos em 57 países**, e responda às **questões 14 e 15**.

Desigualdade no mundo

Renda anual dos 10 % mais ricos (em média)

Estados Unidos - US\$ 117.931

Hong Kong - US\$ 105.747

Irlanda - US\$ 104.820

Cingapura - US\$ 90.848

Brasil - US\$ 37.534

Fonte: ONU

Renda anual dos 10 % mais pobres (em média)

Serra Leoa - US\$ 28

Níger - US\$ 62

Rep. Centro-Africana - US\$ 77

Bolívia - US\$ 82

Brasil - US\$ 656

Fonte: ONU

(Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story>. Acesso em: 7 jan. 2007)

14) A presença do Brasil, nos dois quadros, evidencia:

- a) o forte nível de desenvolvimento do país.
- b) a oscilação, em períodos de tempo, da situação econômica do país.
- c) a desigualdade econômico-social do país.
- d) a má distribuição de renda nos países da América do Sul.
- e) o *status* do Brasil em relação aos outros países das Américas.

15) Em relação à renda anual dos brasileiros nos dois quadros, é **POSSÍVEL** afirmar que:

- a) o brasileiro rico ganha, aproximadamente, 5 vezes menos que o americano rico.
- b) o brasileiro pobre ganha, aproximadamente, 10 vezes mais que o nigeriano pobre.
- c) o brasileiro rico ganha, aproximadamente, 2 vezes menos que o irlandês rico.
- d) o brasileiro pobre ganha, aproximadamente, 12 vezes mais que o boliviano pobre.
- e) o brasileiro pobre ganha, aproximadamente, 20 vezes menos que o brasileiro rico.

As figuras abaixo referem-se à questão 16:



ANTINATURAL Condomínio de luxo em São Paulo colado à favela (à esq.) é símbolo da desigualdade radical; (à dir) as pessoas são obrigadas a coletar água suja para consumo em Quixadá, no Ceará.

(Ilustrações presentes na reportagem de Ricardo Mendonça, intitulada **Para combater a miséria não falta dinheiro - falta fazê-lo chegar a quem precisa** e publicada no site da Revista *Época*, acessado em 23/08/2007)

16) A observação das figuras acima só **NÃO** permite constatar:

- a) a tomada do mesmo espaço urbano por classes sociais distintas.
- b) a situação precária em que vivem algumas pessoas no Ceará.
- c) a situação da desigualdade social no Brasil.
- d) as oportunidades de habitação de classes sociais distintas.
- e) o resultado positivo das políticas para erradicar a pobreza.

Leia, com atenção, o **Texto IV**, a seguir, intitulado “Favela”, de Joel Silveira, **para responder às questões 17 e 18.**

TEXTO IV

Favela

O primeiro barracão não tem mais de um ano de vida. Nasceu do dia para a noite – milagre escuro de algumas tábuas enegrecidas, de um pouco de zinco e mais um pedaço de lona grossa. Mas hoje já são vinte ou trinta. Da janela do apartamento vejo o jeito que vai tomando o aglomerado miserável. É um jeito desarrumado: os barracos nascem como as plantas, sem simetria nem cuidados estéticos, uns quase atropelando os outros, e outros se afastando dos demais numa aparente atitude de repulsa e nojo.

A cidade já forneceu alguns progressos. Primeiro foi aquela bica de água, subsidiária de um cano geral descoberto debaixo da terra e posto a serviço de um outro encanamento clandestino que hoje serve à “favela” em formação. Há questão de um mês alguém tomou a iniciativa de favorecer o mocambo com a luz elétrica. Puxaram um fio do poste mais próximo, levantaram postes novos, e agora, quando a noite chega, cinco ou seis lâmpadas brilham fortes no conjunto encardido e desarrumado. Também já há um ou dois rádios, que aos domingos encham o largo terreno baldio com gritos e cantos.

Talvez fosse fácil às autoridades cortar o crescimento daquela planta ruim quando ela deu o seu primeiro broto. Não mais agora, que a planta cresceu, deitou raízes e estendeu seus galhos sujos por quase todo o chão livre. Imagino o que será a pequena “favela” de hoje daqui a um ano, daqui a dois: se o crescimento continua assim, é certo que os barracos se multiplicarão até a fronteira do asfalto que separa o terreno baldio da cidade propriamente dita. Ainda no último domingo vi quando alguns homens descarregaram de um caminhão o sórdido material de que são feitas essas celas miseráveis: tábuas, zinco, pano grosso e encardido.

A matéria-prima escura e velha lá ficou acumulada num canto do chão. E qualquer dia destes verei aquele amontoado informe transformado num outro barracão, pequeno, sujo e miserável como os demais.

(SILVEIRA, Joel. Favela. In: SALES, Herberto (Org.). *Antologia de crônicas*. São Paulo: Ediouro, 2005, p. 58-59)

17) Considerando o contexto da crônica, a frase “A cidade já forneceu alguns progressos” é marcada por um **tom**:

- a) emotivo.
- b) irônico.
- c) realista.
- d) utópico.
- e) questionador.

Releia o trecho abaixo.

“Talvez fosse fácil às autoridades cortar o crescimento daquela planta ruim quando ela deu o seu primeiro broto. Não mais agora, que a planta cresceu, deitou raízes e estendeu seus galhos sujos por quase todo o chão livre.” (3º parágrafo)

18) No trecho selecionado, o autor **denuncia**:

- a) o crescimento desenfreado das favelas nas grandes cidades do Brasil.
- b) a falta de tratamento adequado à vegetação das cidades brasileiras.
- c) o abuso de poder das autoridades contra o povo.
- d) o aumento do lixo e da sujeira urbana nas metrópoles.
- e) a falta de espaços livres nas cidades para o lazer.

19) No **Fragmento I** (Texto I), **A perspectiva da liberdade**, de Amartya Sen, o autor defende que o principal aspecto a ser pensado na conceituação do desenvolvimento é a relação entre “a possibilidade de viver realmente bastante tempo (sem morrer na flor da idade) e de levar uma vida boa enquanto ela durar (em vez de uma vida de miséria e privações de liberdade)” (2º parágrafo). Considerando a temática, a obra que melhor ilustra a falta de desenvolvimento no Brasil, sob essa perspectiva, é:

- a) *Helena*, de Machado de Assis.
- b) *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago.
- c) “Singularidades de uma rapariga loira”, de Eça de Queirós.
- d) *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo.
- e) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

20) Dos personagens listados abaixo, o que **MELHOR** confirma a tese central do **Fragmento I** (Texto I), **A perspectiva da liberdade**, de que somente a posse de muitos bens materiais não garante ao indivíduo a realização plena na vida, é:

- a) Carlos de Melo, de *Menino de engenho*.
- b) Jacinto, de “Civilização”.
- c) Dona Quitéria Campolargo, de *Incidente em Antares*.
- d) Severino, de *Morte e vida severina*.
- e) Augusto Matraga, de “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

Leia, com atenção, os **Textos V e VI**, a seguir, fragmentos da obra *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, e responda às **questões 21 e 22**.

Texto V

“– Meu caro professor – diz o pároco com sua voz débil – igreja sem latim, sem o velho ritual e com todas essas novidades... padre sem batina, música profana...não, não é mais a Igreja de Cristo. Vamos acabar na mudez seca do protestantismo. E é uma tristeza! O Pe. Pedro Paulo (o senhor o conhece porque já os vi juntos) é desses sacerdotes jovens, “pra frente”, como diz o vulgo. Imagine, permite que uns meninos boêmios e esquisitos toquem música de jazz nas suas missas. Pois é. Onde vamos parar com essas modernices? E cá para nós (conto com a sua descrição) para o meu gosto, o Pe. Pedro Paulo preocupa-se demais com política. Já leu até Marx e Lenine, isso para não falar em outros comunistas ateus. É um bom moço, reconheço, dedicado à sua paróquia, muito querido dos operários, não nego.”

(VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 171)

Texto VI

“– Só agora a Igreja está voltando às suas origens – diz o sacerdote – isto é, à sua pureza original. Por muitos séculos os príncipes da Santa Madre cortejavam e serviam reis, duques, presidentes, ministros, senadores, generais, milionários. Voltamos as costas ao povo. Conservamos um ranço medieval. Por um lado dizíamos que nosso reino não era deste mundo, mas por outro nos apegávamos a tesouros e pompas terrenos. Tratávamos de convencer os pobres de que era necessário contentarem-se com a má sorte que Deus lhes dera na terra a fim de merecerem o reino dos céus e receberem, com juro, a sua recompensa por tantos anos de sofrimentos e de necessidades neste ‘vale de lágrimas’.”

(VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 184)

21) Percebe-se que os Textos V e VI:

- a) valorizam a atuação social da Igreja Católica.
- b) são antitéticos em relação à Igreja Católica.
- c) querem a hegemonia da Igreja Católica.
- d) valorizam os rituais da Igreja Católica.
- e) buscam trazer Cristo à Igreja Católica.

22) Os Textos V e VI remetem:

- a) ao autoritarismo da Igreja católica.
- b) à busca do reino dos céus na terra.
- c) ao “incidente” em Antares.
- d) às relações da Igreja com o poder.
- e) às tensões sociais em Antares.

Leia, com atenção, o **Texto VII**, a seguir, para **responder às questões 23 e 24**.

TEXTO VII

“Há uma crise nos séculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. *Homo sum*, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem artérias – isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.”

(Prefácio à Segunda parte da *Lira dos vinte anos*. In: AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 190)

23) No **Texto VII**, observa-se a constatação de que:

- a) o passado era uma época mais feliz para viver.
- b) o ser humano muda de acordo com a época.
- c) a época contemporânea tem mais recursos.
- d) a felicidade se confunde com a poesia.
- e) o poeta só trabalha com abstrações.

24) A **tese central** do **Texto VII** é:

- a) tema da poesia brasileira do século XIX.
- b) síntese das aspirações do romantismo brasileiro.
- c) apologia da poética de celebração da vida física.
- d) descrição da poesia nativa ligada à natureza.
- e) negação do desejo romântico de chegar ao Bem.

BIOLOGIA

- 25)** Indivíduos que fazem musculação podem apresentar células musculares com nucléolo maior do que o de indivíduos sedentários. Esse fenômeno ocorre porque a musculação aumenta:
- a) a necessidade de ribossomos, que têm suas subunidades montadas no nucléolo.
 - b) a necessidade de glicose, que é ressintetizada no nucléolo.
 - c) a síntese de proteínas, que ocorre no nucléolo.
 - d) a produção de ácido lático, que é degradado no nucléolo.
 - e) o tamanho das células e, conseqüentemente, aumenta a necessidade de lipídios de membrana, que são sintetizados no nucléolo.
- 26)** Uma pessoa foi ao hospital por estar sentindo dores intensas de cabeça, tendo convulsões e desmaios. Após vários exames, o neurologista detectou uma neurocisticercose, isto é, a presença de cisticercos de *Taenia solium* no tecido nervoso. Como esse paciente pode ter contraído essa doença?
- a) Pela ingestão de carne crua ou mal cozida infectada com a larva do parasito.
 - b) Pela ingestão de verduras contaminadas com os ovos do parasito.
 - c) Pela penetração da larva do parasito, presente na água, através da pele.
 - d) Por andar descalço em solos contaminados com fezes de bovinos e suínos.
 - e) Pela ingestão de verduras contaminadas com cercárias.
- 27)** A fotossíntese é um processo que promove a conversão de energia solar em energia química armazenada em compostos orgânicos, sendo realizada por cianobactérias, algas e plantas. Portanto, pode-se afirmar que esses organismos possuem em comum:
- a) cloroplastos
 - b) mitocôndrias
 - c) clorofila a
 - d) estômatos
 - e) gametas
- 28)** Um floricultor comercializa duas variedades de uma planta: uma produz flores grandes e a outra, flores pequenas. Nessas variedades, as flores podem ser vermelhas, róseas ou brancas. Considere que o tamanho da flor é determinado por um par de alelos com dominância completa e que a cor é determinada por outro, independente do primeiro, com ausência de dominância. A partir do cruzamento entre plantas de flores grandes e de cor rósea, heterozigotas para ambas as características, quantos indivíduos com flores grandes e vermelhas podem ser esperados em uma população de 32 descendentes?
- a) 1
 - b) 2
 - c) 4
 - d) 6
 - e) 12

29) As temperaturas corporais de dois animais (**1** e **2**) foram registradas em diferentes temperaturas do ambiente. Os resultados estão apresentados no quadro a seguir.

Temperatura do ambiente (°C)	Temperatura do animal 1 (°C)	Temperatura do animal 2 (°C)
12	36	13
20	38	20
29	38	30

Com base nesses resultados, pode-se afirmar que:

- a) o animal **2** é ectotérmico, pois sua temperatura corporal independe da temperatura ambiente.
- b) o animal **1** é ectotérmico, pois a variação da temperatura ambiente interfere na sua temperatura corporal.
- c) os animais **1** e **2** podem ser considerados ectotérmicos, pois, na temperatura ambiente de 12°C, apresentam as menores temperaturas corporais.
- d) o animal **1** é endotérmico, pois a variação de sua temperatura corporal independe da temperatura ambiente.
- e) o animal **2** é endotérmico, pois a variação de sua temperatura corporal acompanha a variação da temperatura ambiente.

30) Considere as afirmativas a seguir.

- I) As mutações, sendo fonte de variabilidade genética, ocorrem continuamente com o propósito de adaptar os indivíduos ao ambiente.
- II) A migração permite que se estabeleça fluxo gênico entre populações diferentes, diminuindo as diferenças genéticas entre elas e reduzindo a chance de especiação.
- III) A seleção natural não altera a frequência dos genes.
- IV) O estabelecimento de uma nova população, a partir de poucos indivíduos que emigram da população original, é um exemplo de princípio ou efeito do fundador.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas **CORRETAS**.

- a) I e II
- b) I e III
- c) I e IV
- d) II e III
- e) II e IV

31) O fenômeno da gutação consiste na perda de seiva xilemática, em estado líquido, através dos hidatódios. As condições ideais para a ocorrência desse fenômeno são:

- a) baixa umidade relativa do ar, temperatura elevada e solo seco.
- b) alta umidade relativa do ar, temperatura elevada e solo seco.
- c) baixa umidade relativa do ar, temperatura amena e solo úmido.
- d) alta umidade relativa do ar, temperatura amena e solo úmido.
- e) baixa umidade relativa do ar, temperatura amena e solo seco.

32) O risco de extinção de uma espécie está relacionado com seu potencial biótico, com sua área de distribuição e com seu grau de especialização quanto ao habitat e aos hábitos alimentares. Analise o quadro a seguir, que apresenta oito espécies que são caracterizadas pela combinação desses fatores.

Potencial biótico	Grande área de distribuição		Pequena área de distribuição	
	Habitat específico dieta restrita	Habitats variados e dieta ampla	Habitat específico e dieta restrita	Habitats variados e dieta ampla
Baixo	Espécie 1	Espécie 2	Espécie 3	Espécie 4
Alto	Espécie 5	Espécie 6	Espécie 7	Espécie 8

Com base nas características combinadas no quadro apresentado, pode-se afirmar que as espécies que apresentam **MAIOR** e **MENOR** risco de extinção são, respectivamente, as de números:

- a) 1 e 4
- b) 2 e 5
- c) 3 e 6
- d) 7 e 8
- e) 8 e 1

FÍSICA

- 33)** Um carrinho desliza sem qualquer tipo de atrito ao longo da rampa indicada na Figura 1, a seguir, cuja parte baixa é um arco de circunferência. No ponto mais baixo da rampa, a força resultante sobre o carrinho é melhor representada por qual seta?

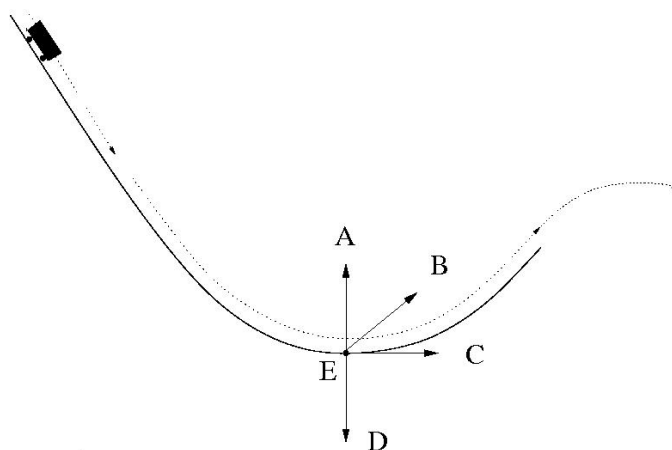


Figura 1

- a) seta A
b) seta B
c) seta C
d) seta D
e) seta E (Seta de comprimento nulo; a força resultante no ponto mais baixo é nula.)
- 34)** Dois carros de corrida percorrem a mesma distância de um trecho retilíneo, sendo acelerados a partir do repouso por forças iguais e constantes. A massa m_1 do carro número 1 é maior do que a massa m_2 do carro número 2. Sejam E_1 e E_2 as energias, e p_1 e p_2 os momentos lineares dos carros de números 1 e 2, respectivamente. Na chegada, valem as seguintes afirmações sobre essas grandezas (desprezar qualquer atrito):
- a) $E_1 = E_2$ e $p_1 = p_2$
b) $E_1 = E_2$ e $p_1 > p_2$
c) $E_1 > E_2$ e $p_1 = p_2$
d) $E_1 > E_2$ e $p_1 > p_2$
e) Não é possível chegar a alguma conclusão com os dados fornecidos.

35) W. Hallwachs (1871) observou o seguinte efeito com uma placa de zinco inicialmente neutra, conectada com um eletroscópio: quando a placa era iluminada com luz ultravioleta de frequência f e intensidade I , ela se carregava positivamente até um certo potencial máximo U . Repetindo-se a experiência, variando-se f ou I (e deixando-se a outra grandeza constante), observa-se o seguinte:

- Entre o começo de iluminação da placa com luz e o começo de aumento do potencial (de zero até U), passa-se um certo tempo, dependente da intensidade I , suficiente para os elétrons ganharem a energia necessária para sair da placa.
- Aumentando-se a intensidade I , o potencial máximo U aumenta.
- Aumentando-se a frequência f , o potencial máximo U fica constante.
- Diminuindo-se a frequência f continuamente até zero, o efeito permanece para todas as frequências f maiores do que zero.
- Diminuindo-se a frequência f continuamente até zero, o efeito permanece só para frequências maiores do que uma frequência limite f_l e é ausente para frequências entre f_l e zero.

36) Um pescador **P**, ao se aproximar da linha da costa com seu barco, aciona a buzina para avisar que está chegando. Sua direção de deslocamento está alinhada com o ancoradouro onde se encontra um companheiro **C** (conforme a Figura 2 a seguir). A frequência do som ouvido pelo pescador **P** é f_p e as frequências dos sons ouvidos pelas pessoas **A**, **B** e **C** são, respectivamente, f_A , f_B e f_C no instante mostrado. Podemos afirmar que:

- $f_p < f_A < f_B < f_C$
- $f_p = f_C < f_A < f_B$
- $f_p > f_C > f_B > f_A$
- $f_p > f_A > f_B > f_C$
- $f_p < f_A = f_B = f_C$

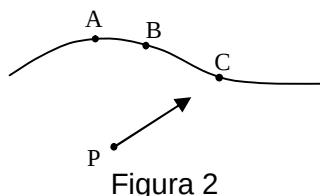


Figura 2

37) A Figura 3 representa uma superfície esférica condutora, carregada positivamente, e dois pontos **A** e **B**, ambos no plano da página. Nessa condição, pode-se afirmar que:

- o potencial em B é maior que em A.
- um elétron em B tem maior energia potencial do que em A.
- o campo elétrico em B é mais intenso do que em A.
- o potencial em A é igual ao potencial em B.
- o trabalho realizado pela força elétrica para deslocar um elétron de B para A é nulo.

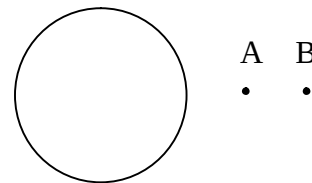


Figura 3

38) Na entrada de um *shopping*, é colocado um grande espelho convexo de distância focal **40 cm**. Uma criança se assusta quando vê sua imagem refletida no espelho. Considerando-se que, nesse momento, a criança se encontra a **1,2 m** do vértice do espelho, podemos afirmar que ela vê sua imagem neste espelho:

- a) três vezes maior.
- b) duas vezes menor.
- c) quatro vezes maior.
- d) quatro vezes menor.
- e) três vezes menor.

39) O comprimento de uma barra de latão varia em função da temperatura, segundo a Figura 4 a seguir. O coeficiente de dilatação linear do latão, no intervalo de **0 °C a 100 °C**, vale:

- a) $1,00 \times 10^{-5} / ^\circ\text{C}$
- b) $5,00 \times 10^{-5} / ^\circ\text{C}$
- c) $2,00 \times 10^{-5} / ^\circ\text{C}$
- d) $2,00 \times 10^{-4} / ^\circ\text{C}$
- e) $5,00 \times 10^{-4} / ^\circ\text{C}$

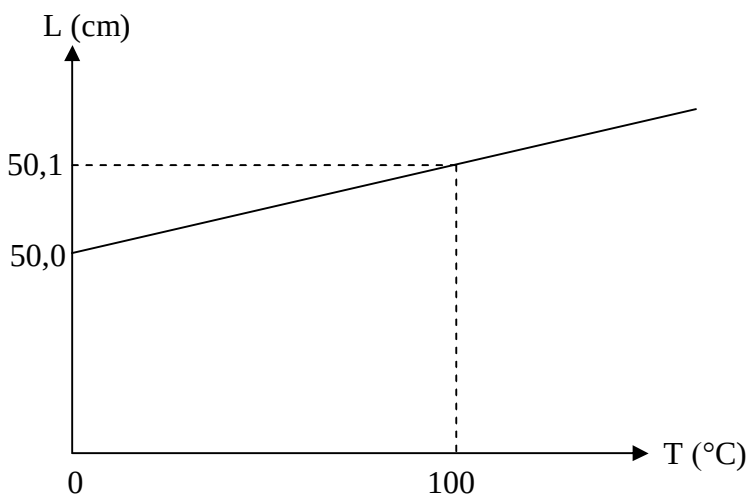


Figura 4

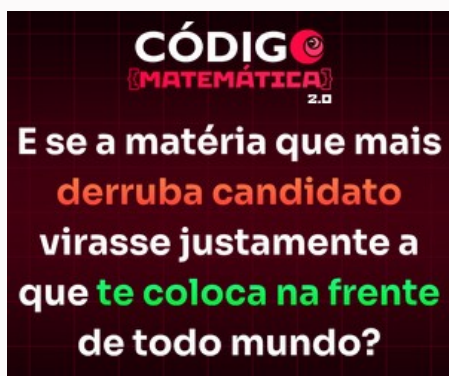
40) Um circuito elétrico de um enfeite de natal é constituído de vários conjuntos de lâmpadas idênticas, sendo que cada conjunto é ligado por vez para produzir o efeito pisca-pisca. Uma fonte de tensão de **6 volts** com potência de **18 watts** alimenta o circuito. Considerando-se que cada lâmpada tem **30 ohms** de resistência e deve ser submetida a uma tensão de **6 volts** para produzir o efeito desejado, qual o número máximo de lâmpadas em cada conjunto ?

- a) 3
- b) 6
- c) 9
- d) 12
- e) 15

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

